

**EDITAL 01/2023 PROCESSO SELETIVO PARA O INGRESSO EM 2024 NO CURSO DE  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
Ano 2024/ Semestre 1º  
Coordenador PGCS UFES Prof. Dr. Marcelo Fétz  
Coordenadora adjunta PGCS UFES Prof.ª Da Gis aralosekam**

AN O:

**CHAMADA DE FÉRMAS PARA DE CONHECIMENTO ISHCUBCO-09 de outubro de 2023**

**Como se trata de prova dissertativa própria, as chaves de respostas não esgotam as possibilidades de escrita sobre os textos indicados para a prova, como o cabido no subitem do edital. A didática a dever responder em uma dissertativa própria a partir das discussões e serão apresentadas o momento da realização da prova (grifos nossos). Quanto às conexões baseiam-se em itens do edital, como o previsto no desempenho dos alunos a prova escrita de o e itens esperados ser avaliados o mesmo e o teste do mesmo se intensificam a rede e posição e relevância da proposta a partir da importância dos pontos tratados no edital da prova a proposta o o as discussões propostas oer ia as respostas. As questões, assim como as conexões, baseiam-se na bibliografia indicada no edital 01/2023. Demais orientações devem ser consultadas no mesmo.**

O 1:

*A história da Antropologia enquanto disciplina está emaranhada com diferentes modos de fazer e escrever etnográficos, assim como a variações em como é considerada em seu estatuto de cientificidade e nas suas dobras em relação a outros modos de conhecer e ser no mundo. A partir dessa afirmação, discorra ao menos sobre três diferentes propostas para se fazer e escrever na Antropologia. Não se esqueça de referenciar autoras/es utilizadas/os em sua argumentação.*

**Antes de se tomar disciplina, as bases da antropologia são lançadas como (des)encontros coloniais, onde primeiramente são os povos originários das Américas que abalam as bases do pensamento europeu, com graves consequências também para esses povos e seus territórios. Depois, temos a evangelização e a expansão administrativa nas colônias, que aguçam essas tendências e a escolarização de povos africanos. Do ponto de vista teórico é o evolucionismo cultural, apesar de vários problemas em suas abordagens - dentre as quais destacam-se seus pressupostos de hierarquia entre os povos, de uma história única para toda a humanidade, suas abordagens eurocentradas, comparações em amplas escalas de espaço-tempo, a suposição de único caminho civilizacional, dentre outros -, que é considerada a que dá a base para o surgimento da Antropologia enquanto disciplina, a buscar sua consolidação também como ciência. Do ponto de vista de Elias Richad (1986), que retoma em seu texto partes desse processo, há forte interrelação entre conhecimento empírico acumulado e teoria, então, vários dos registros escritos desses (des)encontros coloniais dão as condições para a emergência da**

**Antropologia como disciplina** Apesar de ressaltar a importância de alguns registros anteriores feitos por acadêmicos, o autor destaca as produções escritas a partir do século XX

Todavia, será como o funcionalismo e como o estrutural funcionalismo que protocolos de pesquisa dão a tônica dos trabalhos de antropólogos/as/es “clássicos”, com destaque para a observação participante e a elaboração das etnografias. Evans-Pritchard (1985) é figura de relevo nesta fase. Uma das características case, pode-se afirmar até “inovação”, a partir desse momento, é a defesa da necessidade da pesquisa de campo, ou seja, a experiência direta com os povos estudados, realizada por tais profissionais. Algumas das diretrizes sobre como fazer e escrever em antropologia, propostas especificamente por Evans-Pritchard neste texto, são (1) a realização de longas estadas em campo, para captar variações sazonais nos modos de vida dos grupos estudados, bem como para se aprofundar os pontos da vida social – inclusive Evans-Pritchard chega a sugerir o período de uma três anos de estada em campo-, de modo a ser ainda possível fazer uma verificação sistemática das conclusões a que se chegou; (2) o estabelecimento de estreito contato com as comunidades, apreender as complexidades sócio e psicológicas e sem intermédio de terceiros; (3) o aprendizado da língua nativa, para não se recorrer à mediação de tradutores, e ir além, pois, segundo esse autor, aprender uma língua é também aprender a cultura, seus símbolos e seu modo de vida daqueles/as com quem se convive em campo; (4) ainda seria preciso, nas suas palavras, “estudar a vida social total” (p. 80), e aqui estão presentes a ideia de contexto cultural, do contexto de fundo das análises, e as descrições registradas em detalhes nos diários de campo; (5) e, por fim, a importância da formação teórica em Antropologia Social, antes da pesquisa de campo, inclusive como estudo das produções etnográficas existentes sobre a região a ser pesquisada.

É importante lembrar que, na década de 1950, quando foi publicada a série de palestras registradas no livro “Antropologia Social”, a antropologia já se constituía como uma disciplina acadêmica no Reino Unido, e não deixava de trazer em si alguns de seus marcos de origem. Até os pontos acima recuperados, o autor mantém sua discussão muito próxima de recomendações encontradas em outras obras, como na introdução de *Os Rituais* de B. Malinowski (1922), e mesmo dentro de parâmetros de suas próprias etnografias, *Arqueologia e Magia* e *Trocas* (1937) e *Ser* (1940). Porém, alguma se destaca neste texto que representa uma fase em si, a da obra, são suas colocações sobre a importância que atribui aos sujeitos do/a autor/a, e o poder de representação dos resultados finais dos escritos, como as características pessoais de quem escreve, dentre as quais “a penetração imaginária na vida e a habilidade literária” (p. 83) e sua cultura de origem. As características da própria cultura estudada igualmente traziam relevância nos textos. Ele acaba por aproximar a Antropologia Social da Arte, embora, porque os fatos estudados e os limites teóricos da disciplina, não no momento vigente, garantam a credibilidade dos estudos.

Essa atuação de Evans-Pritchard antecede um movimento de aproximação da antropologia com as artes que se dá marcadamente a partir das décadas de 1970 e 1980. Na verdade, esse movimento é devedor já de ideias levantadas na obra de Clifford Geertz, antropólogo norte-americano que viveu entre 1936 e 2006. Porém, seu posicionamento mais deliberado é comumente associado com a obra *Estética da Arte*, publicada em 1986, e como colocado enfaticamente por George Marcus (2004). A obra afibrou o repensar o ato da escrita em antropologia, cujos muitos temas, o poder de representação de outras/os/es no texto e, de modo mais amplo, a própria produção de conhecimento em antropologia. Muitos experimentos textuais foram realizados nesse momento. George Marcus (2004) reconhece a importância trazida à época, mas faz um balanço para outros reflexões, pois, para ele, esse

debate deixou incluídas as convenções sobre as relações entre a produção etnográfica e a pesquisa de campo, reforçando o naturalismo empirista ou culminando em “gêneros de autoetnografia” (p. 136). Essas convenções seriam reforçadas junto a outras disciplinas, nas também foram reinventadas em alguns casos, como ele o fez que foi o que se deu nas artes, sobretudo no teatro e no cinema, em suas próprias reinvenções do que conta como método etnográfico. Um dos dizeres principais do autor é inspirar-se nelas para fomentar a própria antropologia e como ela é ensinada. Sobretudo no que diz respeito a um pesquisador que se dá em experiências de produção, ele vai colaborar, vai, com uma concepção mais expandida do que conta com o trabalho de campo, tomado em localizados, e do que conta com suas etapas, como o planejamento e o pós-texto. Suas reflexões apontam muito para possíveis relações entre antropólogos/os/es com profissionais com outras formações. Como exemplos, enfaça os trabalhos do cenógrafo venezuelano Fernando Gálzardi. De modo geral, o autor traz elementos comumente associados à pós-modernidade para dentro das práticas antropológicas, e ressalta as funções especulativas e críticas da disciplina, pensando também de preocupações políticas e cas.

Em texto mais recente, Tim Ingold (2017) traz reflexões sobre a antropologia como disciplina ainda mais a se refazer, tanto em suas relações com outras disciplinas quanto no que diz respeito às relações estabelecidas com aquelas/es (com) que (se) estuda e aos próprios engajamentos da disciplina em debates contemporâneos mais amplos. Esse refazer é também um desfazer mais ampliado do que o trazido pelos autores supra comentados, pois não trata as associações convencionalizadas entre antropologia, etnografia e observação participante, embora que a associação entre as três é extremamente forte em Evans-Pritchard, enquanto as duas primeiras ainda estão fortemente ligadas em George Marcus, que ainda associa a etnografia a métodos ou técnicas de pesquisa. Por sua vez, Tim Ingold mantém uma definição padrão de etnografia como uma descrição gráfica da vida de “pessoas em dado lugar e em dado período” (p. 223). Quanto à sua definição de antropologia, toma a mais ampla, afirmando de forma aparentemente prosaica que “é uma investigação generosa, aberta, compaixosa e crítica das condições e possibilidades da vida humana no mundo que habitamos” (p. 223); generosa, por sua atenção e responsividade a outras pessoas, em seus fazeres e dizeres, sobretudo a partir da observação participante, aberta, por não almejar soluções finais, nas condições, como componente dentro de formas de vida sustentáveis, “para todas as pessoas e para todas as coisas”; compaixosa, por não acreditar em um canícrato único, e crítica, pela insatisfação com o estado de coisas.

Como tem como ponto de partida o pressuposto de que vivemos em catástrofe, Tim Ingold acredita na busca de alternativas conjuntas, e no papel que a antropologia possui para isso, por ser um diálogo e um aprender com, para os quais a observação participante é basilares. Isso torna a antropologia independente da etnografia, embora a antropologia e etnografia possam, e quando possível e preciso, devam trabalhar juntas. Outro argumento é que observação participante e etnografia não são a mesma coisa, nem são métodos, embora possam ter métodos. No caso da pineira, não se reduz, ou não deveria se reduzir, à definição das pessoas, antes deveria ser um compromisso ontológico, educacional. A antropologia também é especulativa para o autor, no que diz respeito às possibilidades de vida, e embora a descrição seja importante, os posicionamentos da/do/de antropólogos/os/es devem compor nas suas produções, e os argumentos que os fundamentam devem ser apresentados – e aqui é grande o diferencial em relação à posição de antropólogos/os/es com etnógrafos/os/es. O autor acredita também que sua proposta é capaz de abrir a disciplina para outras formas de se fazer e escrever pesquisa, mencionando arte, design, teatro, dança, música, arquitetura, arqueologia e história contada.

**Em** **lin** **ingold**, **a** **ide** **de** **co** **nt** **ex** **to** **cu** **lt** **ur** **al** **pe** **de** **ai** **mp** **ot** **â** **nc** **ia** **q** **ue** **n** **h** **ap** **re** **s** **e** **m** **bi** **as** **R** **it** **ch** **ad** **E** **m** **co** **ns** **o** **r** **â** **nc** **ia** **co** **m** **a** **pi** **o** **st** **ad** **e** **G** **e** **o** **r** **g** **e** **M** **a** **r** **c** **u** **s**, **e**, **no** **g** **e** **r** **a** **l**, **d** **a** **an** **ti** **op** **ol** **o** **g** **i** **a** **p** **ó** **s** **m** **o** **d** **e** **m** **a** **n** **o** **t** **e** **a** **m** **e** **r** **i** **c** **a** **n** **a**, **a** **an** **ti** **op** **ol** **o** **g** **i** **a** **é** **co** **n** **v** **o** **c** **a** **d** **a** **p** **a** **a** **co** **m** **p** **o** **r** **o** **m** **a** **at** **e**, **p** **o** **é** **m** **e** **m** **l** **i** **n** **g** **o** **l** **d**, **p** **a** **a** **al** **é** **m** **d** **e** **s** **s** **a** **co** **l** **o** **b** **o** **r** **a** **ç** **ã** **o** **e** **n** **t** **r** **e** **p** **r** **o** **f** **i** **s** **s** **i** **o** **n** **a** **i** **s**, **h** **á** **u** **m** **f** **o** **t** **o** **n** **a** **i** **s** **p** **r** **e** **m** **i** **n** **t** **e**, **o** **d** **a** **s** **co** **l** **o** **b** **o** **r** **a** **ç** **õ** **e** **s** **o** **m** **q** **u** **e** **m** **s** **e** **e** **s** **t** **u** **d** **a** **p** **a** **a** **l** **é** **m** **d** **e** **n** **o** **u** **n** **i** **v** **e** **r** **s** **t** **á** **r** **i** **o** **o** **u** **a** **c** **a** **d** **ê** **m** **i** **c** **o**. **O** **t** **r** **o** **e** **l** **e** **m** **e** **n** **t** **o** **q** **u** **e** **d** **e** **s** **q** **u** **e** **l** **i** **n** **g** **o** **l** **d** **e** **G** **e** **o** **r** **g** **e** **M** **a** **r** **c** **u** **s** **é** **s** **e** **u** **f** **o** **co** **n** **v** **i** **d** **a** **s** **s** **i** **m** **o** **n** **o** **o** **s** **e** **u** **p** **o** **r** **t** **o** **d** **e** **p** **a** **r** **d** **a** **d** **e** **q** **u** **e** **v** **i** **v** **e** **n** **t** **o** **s** **e** **m** **ca** **t** **á** **s** **t** **r** **o** **f** **e**. **A** **an** **ti** **op** **ol** **o** **g** **i** **a** **é** **v** **i** **s** **t** **a** **t** **â** **n** **b** **e** **m** **s** **u** **a** **co** **e** **s** **i** **s** **t** **ê** **n** **c** **i** **a**, **co** **m** **a** **u** **n** **i** **v** **e** **r** **s** **i** **d** **a** **d** **e**, **co** **m** **o** **s** **e** **n** **d** **e** **d** **e** **l** **a** **d** **e** **p** **e** **r** **d** **e** **n** **t** **e** **(e** **vice** **ve** **r** **s** **a)**; **co** **e** **s** **i** **s** **t** **ê** **n** **c** **i** **a** **q** **u** **e** **d** **e** **f** **e** **r** **e** **n** **d** **e** **e** **m** **u** **n** **o** **n** **i** **v** **e** **n** **t** **o** **d** **e** **a** **n** **e** **a** **ç** **ã** **o** **a** **t** **a** **i** **s** **i** **n** **s** **t** **i** **t** **u** **i** **ç** **õ** **e**s. **D** **e** **c** **e** **r** **t** **a** **f** **o** **r** **m** **a**, **co** **m** **e** **s** **s** **e** **t** **e** **r** **c** **e** **i** **r** **o** **a** **u** **t** **o**; **a** **c** **a** **t** **á** **s** **t** **r** **o** **f** **e** **p** **a** **s** **s** **a** **a** **s** **e** **r** **o** **co** **n** **t** **e** **x** **to** **d** **e** **p** **r** **o** **d** **u** **ç** **ã** **o** **d** **a** **p** **r** **ó** **p** **r** **i** **a**. **A** **an** **ti** **op** **ol** **o** **g** **i** **a** **e** **do** **s** **m** **e** **i** **o** **s** **d** **e** **q** **u** **e** **f** **a** **z** **p** **a** **r** **t** **e**.

O 2:

*Qual o argumento em defesa do governo dos tutores? Como Dahl refuta esse argumento como Schumpeter e Manin colocariam em xeque essa refutação?*

### **Chave de resposta**

#### **1. Governo dos tutores**

**a** Pessoas comuns não têm competência para governar;

**b** Governo deve ser entregue aos especialistas;

**c** Analogia da relação entre médico e paciente;

**d** Não nega opinião da igualdade intrínseca. **Especialistas sabem que é melhor para a sociedade**

#### **2 Refutação de Dahl**

**a** Não devemos confiar completamente a autoridade política aos especialistas;

**b** Delegar decisões secundárias ou fazer consultas aos especialistas não é o mesmo que ceder o controle total das decisões;

**c** Analogia da relação entre médico e paciente é imprecisa, uma vez que decisões individuais não equivalem a decisões impostas por um governo;

**d** Governar exige muito mais que corer e correr o teórico;

**e** Problemas práticos como os tutores seriam selecionados?

**f** Pelo princípio da igualdade intrínseca, não há ninguém que seja tão mais bem preparado do que os outros para governar; a quem se possa confiar a autoridade completa e decisiva no governo de um estado;

**g** Igualdade intrínseca "Ao delegar decisões, o governo deve dar igual peso ao bem e aos interesses de todas as pessoas ligadas por tais decisões";

**h** Retorto "Se não devemos ser governados por tutores, quem deveriamos governar? Nós mesmos" (Diretamente ou por meio de representantes).

#### **3 Schumpeter:**

**a** Instabilidade em comunidades grandes;

**b** Obem comum não existe. Pessoas têm preferências diferentes;

**c** Verdade manufaturada e cidadãos apáticos e pouco informados;

**d** Democracia é o governo dos políticos "O método democrático é um sistema institucional para a tomada de decisões políticas, no qual o indivíduo adquire o poder de decidir mediante uma luta competitiva pelos votos do eleitor";

**e** Cidadãos não controlamos políticos "uma vez eleito determinado cidadão, a ação política passa a ser dele e não sua!".

**4 Marín**

- a Governo representa vorão é o nesno que demoa da ou autogvemo
- b Eleiões não eliminam diferenças de status e função entre governantes e governados
- Portanto, não há intemporalidade entre representação e governo de elite;
- c Representantes possuem uma independência parcial em relação ao povo
- d "Bapate da existência da idéia de que existe uma crise de representação se deve à percepção de que o governo representa vovense afastar da fórmula do governo do povo pelo povo. A situação corrente, no entanto, torna certos certos quando se compreende que a representação nunca foi uma forma indireta da autoridade autogoverno do povo"

O 3:

*"Propomos aqui que o racismo deve ser compreendido como um fenômeno social constituído pelas relações ontológicas entre: discursos, ideologias, doutrinas ou conjuntos de ideias (cultura); ações, atitudes, práticas ou comportamentos (agência); estruturas, sistemas ou instituições (estrutura). As relações empíricas entre essas três dimensões podem ser sociologicamente inquiridas caso reconhecamos sua mútua dependência ontológica, mas as mantemos separadas em um nível analítico. Mesmo imbricadas, essas três dimensões possuem propriedades emergentes, lógicas distintas e poderes causais variáveis de acordo com o contexto ou situação."* CAMPOS, Luiz Augusto. *Racismo em três dimensões: uma abordagem realista crítica*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. 32 (5), 2017, p. 1-11. A partir do trecho acima, disserte sobre as relações entre cultura, agência e estrutura nas análises sobre as relações raciais nas obras de Franz Fanon,élia Gonzalez e Alberto Werber.

**Luiz Augusto Campos racismo em três dimensões: cultura, agência e estrutura**  
**Franz Fanon racismo e colonialismo**  
**Élia Gonzalez linguagem e subjetividade**  
**Ontogenia, psicogenia e sociogenia**  
**Ídria Gonzalez linguagem e subjetividade**  
**Consciência e memória**  
**Dominância/Dominado**  
**Figurações da mulher negra**  
**mulata, donés caenã e petra**  
**Desejo e ruína**  
**Raça e gênero**  
**Gênero**  
**Ritos negos**  
**tenax negro**  
**vida**  
**Democracia racial**  
**e ideologia da branquia**  
**Experiências sociais e subjetividade**  
**de va esté cae**  
**reconhecimento**  
**Iden da racial x iden da nacional**  
**Nacionalismo e cosmopolitismo**

**Vitória, 18 de outubro de 2023**

Comissão examinadora:

Prof. Dra. Lílian Santos unqueira (Creado Presidente)

Prof. Dr. Marcelo Martins

Prof. Dr. Mauricio Yoshida Izumi



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por  
ELIANA SANTOS JUNQUEIRA CREADO - MATRÍCULA 1784914  
Membro - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais  
Em 18/10/2023 às 08:26

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:  
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/819612?tipoArquivo=O>